BiblioCanto

Biblioteca Central Zila Mamede - UFRN V.3 N.3 Julho/Agosto de 1999

SIR

Se tenho combatido a Monarquia, a culpa não é minha e,sim, dela, de sua aversão a reformas necessárias, o que a coloca numa situação que periga.
Rui Barbosa

Mais detalhes, pág. 04

Sumário

Pág. 02
AGENDA DA BCZM

Pág. 03
RUI BARBOSA E O RN

Pág. 04
OS 302 ANOS DA MORTE DO PADRE ANTÔNIO VIEIRA

Pág. 05
AGUDOS DITOS DE VIEIRA

Pág. 06
VOZ DO DISCENTE

Pág. 07
"INSTANTES", O POEMA QUE NÃO É DE BORGES

Pág. 08
A FELICIDADE SOB A ÓTICA DE JORGE LUIS BORGES

Editorial

O BiblioCanto anuncia, neste número três, uma mudança, pois os seus cantares ecoarão agora em periodicidade bimestral. Esta edição registra a sabedoria de três grandes mestres, que, ao longo de suas vidas, perseguiram exaustivamente um único ideal: a perfeição. São eles o jesuíta Antônio Vieira, o jurista Rui Barbosa e o escritor argentino Jorge Luís Borges. Figuras notáveis que têm em comum uma vida entre livros, na qual a escrita foi, mais que um ideal, uma profissão de fé, exercida com voracidade e devoção. A escolha dessa brilhante triade ocorre porque, curiosamente, este ano comemoram-se os 302 anos do falecimento de Padre Vieira, os 150 anos de vida de Rui Barbosa e o centenário de Jorge Luís Borges. Também oportuno é lembrar o "Dia da Fotografia", 19 de agosto, representado por Lolita Rêgo, alguém que em trinta anos de profissão já incorporou o espírito da luz, a qual nos desvenda o mundo da película. Agora, é embrenhar-se por estas páginas e se deixar iluminar, afinal, *CONHECIMENTO É LUZ*!

Antônio Vieira (1608-1697)
Missionário, pregador, diplomata, político e escritor. **(PÁG. 05)**

ACONTECEU

BIBLIOCAFÉ: O CONHECIMENTO SERVIDO QUENTINHO

Realizou-se, neste 28 de julho, o **BiblioCafé** inaugural da BCZM, contando com a participação de dirigentes, pesquisadores, alunos e professores de todas as áreas deste *universicampus*.

O encontro, regido pela informalidade, colocou em pauta os meios e as inovações empregadas na pesquisa acadêmica, mostrando, mais detidamente, aquilo que a Biblioteca tem a oferecer aos nossos pesquisadores.

Conduzidos pela Diretora da BCZM, Rildeci Medeiros, contando com Ediane Galdino, Bibliotecária, e João Bosco, Mestrando em Ciência da Informação na Paraíba, os participantes foram informados sobre as novas formas de acessar aos recursos bibliográficos e as possibilidades de articulação com outros pesquisadores do país.

O bibliotecário João Bosco trouxe informações sobre o evento que há um ano vem sendo realizado, com sucesso, na Paraíba: o "Café com Ciência", o qual é voltado também para a pós-graduação, tendo o objetivo de dar aos encontros, nos quais a temática é o conhecimento científico, contornos informais, sem, com isso, perder a seriedade da discussão.

Partindo do pressuposto de que "as idéias estão no ar", atentando para a dispersão entre os pesquisadores e a sua ausência dentro da biblioteca, Rildeci propõe a abertura de um espaço para a discussão, troca de idéias e informações, a fim de que a pesquisa acadêmica possa evoluir e ser mais bem disseminada.

No I BiblioCafé foram discutidos tanto a importância da literatura cinzenta (teses, dissertações e monografias) e a emergência de sua divulgação quanto o trabalho que a BCZM vem empreendendo na sua catalogação através da Internet, tendo em meta, inclusive, a catalogação on line do seu acervo relacionado à literatura de Cordel, um dos maiores no RN. A pesquisa também foi abordada no contexto digital, das novas bases de dados, por Ediane Galdino, que demonstrou os periódicos via Web e a listagem de serviços de algumas bibliotecas digitais como a SCIELO e a Rede Antares.

Espera-se que o sucesso se repita no II BiblioCafé, previsto para o mês de Outubro, sempre regado por um cafezinho gostoso, e possa beneficiar a produção científica desta Universidade, nutrindo-a cada vez mais do conhecimento, que se renova a cada dia.

Por Daiany Ferreira Dantas
Bolsista da ACS/BCZM

AGENDA

☞ No período de 01 a 06 de agosto, a UFRN será palco do XVI ENECS, Encontro Nacional de Estudantes de Ciências Sociais. O encontro se propõe a discutir a nova paisagem social do Brasil em debates, mesas redondas, mini-cursos e oficinas. Em sua programação cultural estão previstos apresentação de grupos folclóricos e de ca-poeira, bandas de rock locais e exposição de artes com o apoio da Capitania das Artes. Durante o encontro, pretende-se discutir a fundação da Federação Nacional dos Estudantes de Ciências Sociais - FNECS.

☞ No dia 09/08, haverá na Videoteca da BCZM um *workshop* WEB OF SCIENCE para 30 pessoas, entre técnicos da Biblioteca e professores do Departamento de Biblioteconomia, ministrado por Ediane Galdino.

☞ I SINEC, Seminário de Informática e Engenharia da Computação, de 16 a 20 de agosto, no auditório da BCZM. Mini-cursos: LINUX, PHOTOSHOP, DELPHI, HTML. Inscrições no CT, Coordenação de Engenharia da Computação, taxa única de R$ 25,00. Mais Informações pelo telefone: 206-6889 (Breno).

☞ Curso de Extensão em Recursos Informacionais Via-Rede, de 16 a 20 de agosto, promovido pelo Dept° de Biblioteconomia e pela BCZM, através da Seção de Informação e Referência. Ministrado por Ediane Galdino.

☞ O atendimento ao público na BCZM estará suspenso durante o período **09** a **20** de **agosto** de 1999, abrindo exceção apenas para quitação dos concluintes de 99.1, que precisam receber o "nada consta", referente aos serviços desta biblioteca, e para devolução de livros. Esta medida se faz necessária devido a atividades que serão desenvolvidas a fim de melhor atender aos usuários.

☞ A Biblioteca Setorial do Centro de Ciências da Saúde também estará fechada de **02** a **16** de **agosto**, por ocasião de reformas na sua estrutura física.

☞ "Tarde de Leitura" é a atividade cultural que a BCZM vai desenvolver no mês de agosto, dia 27, das 16h30 às 18h30minutos, no auditório, com a participação de poetas, músicos e amantes da leitura.

EXPEDIENTE

O BiblioCanto é um informativo bimestral, distribuído gratuitamente pela BCZM à comunidade universitária.
Universidade Federal do Rio Grande do Norte Reitor: Ótom Anselmo de Oliveira Vice-Reitora: Técia Maria de Oliveira Maranhão Biblioteca Central Zila Mamede Diretora: Rildeci Medeiros Vice-Diretora: Margareth Régia de Lara Menezes Editora: Glícia Azevedo Tinoco Editora Executiva: Rildeci Medeiros Colaboradores: Frank Tavares Correia, Zemaria Pinto, Francisco Carlos de Menezes Júnior e Cida Ramos Bolsista: Daiany Ferreira Dantas Diagramação: Márcio Bruno Falcão Pereira Impressão: Comunicação Social da Reitoria Endereço: Campus Universitário da UFRN - Lagoa Nova - Natal/RN CEP: 59072-970 Fones: 215-3841 ou 215-3849 Fone/Fax: 215-3856 e-mail: comunic@bczm.ufrn. br.

Rui Barbosa e o RN

Um episódio histórico importante liga fortemente Rui Barbosa ao Rio Grande do Norte. Trata-se da famigerada "Questão de Grossos", ou seja, a polêmica a respeito dos limites entre o Ceará e o RN, que resultou em uma batalha jurídica perante o Supremo Tribunal Federal.

O tema é contemporâneo à época da divisão do Brasil em Capitanias Hereditárias, projeto desenvolvido pela Metrópole para colonizar o Brasil. Recebida a capitania pelo donatário, este podia deliberar sobre as "datas de sesmaria", faixas de terra cedidas aos sesmeiros. Ocorre que, muitas vezes, tais doações ultrapassavam os limites territoriais de cada capitania antes estabelecidos. Tal fato pôs dúvida em torno dos limites fronteiriços entre o RN e o Ceará.

O problema se agravou com a Carta Régia de 1793, a qual mandava acrescer à Vila de Aracati (CE) uma parcela de terra pertencente ao Rio Grande do Norte – parte oriental do Rio Jaguaribe, estendendo-se até Mossoró. Todavia, uma Carta Régia não tinha o condão de alterar nem delimitar limites já traçados há séculos. E, portanto, o cumprimento daquela Carta foi suspenso.

O Ceará, entretanto, nunca aceitou pacificamente o acontecido e, em 1894, ingressou no Supremo Tribunal Federal com uma ação, pleiteando a anexação de Grossos, encravada no RN, situada entre o Rio Mossoró e o Morro de Tibau.

No curso da ação, em 1904, o Estado do Rio Grande do Norte contratou Rui Barbosa para patrono da questão, o qual teve o prazo de apenas quinze dias para consultar os autos do processo de 4.627 páginas, sendo quatro volumes manuscritos e treze livros impressos. Nos bastidores, homens ilustres do Estado tiveram a tarefa de compilar a documentação para instrumentalizar a prova. No rol desses rio-grandenses-do-norte estavam nomes como: Vicente Lemos, Tavares de Lyra, Antônio José de Melo e Souza, José Leão Ferreira Souto, Pedro Soares de Araújo e Francisco de Sales Meira e Sá.

O Rio Grande do Norte saiu vencedor na Demanda Jurídica, com a espetacular defesa de seu ilustre advogado, em célebre decisão do Supremo, em que foi relator (do Acordão) o ministro Pedro Lessa.

Frank Tavares Correia,
Bacharel em Direito pela UFRN

Recebi do Exmo. Sr. Senador Ferreira Chaves, por ordem do governo do Rio Grande do Norte, a quantia de cinco contos de réis (5:000,000), importância da oitava e última prestação de meus honorários como advogado na questão de limites com o Ceará.

Rio de Janeiro, 25 de abril de 1904.

Ruy Barbosa.

Os 302 anos da morte do Padre Antônio Vieira

Padre Antônio Vieira nasceu em Lisboa, em 1608, mas logo aos seis anos veio com sua família para Salvador, na Bahia, onde estudou no Colégio dos Jesuítas, fazendo depois o noviciado na Companhia de Jesus. Só aos 33 anos retornou para a corte, onde chamou a atenção pelos sermões inflamados e o sotaque da colônia.

Não demorou muito para que à simpatia da família imperial se somasse o ódio da Inquisição. Como castigo, foi mandado de volta para o Brasil. No Maranhão e na província do Grão-Pará, que se dividira depois em Pará e Amazonas, Vieira produziu sermões que sensibilizaram posteriormente a corte.

De volta a Portugal, o Santo Ofício cassou-lhe a palavra, como também o fez com Gregório de Matos, e recolheu-o à prisão por dois anos.

Os anos seguintes à libertação foram vividos entre Lisboa e Roma, onde, apesar da Inquisição, seu prestígio continuou inabalado.

Apenas aos 73 anos, Padre Vieira retornou à Bahia, mas não sossegou: até o fim de sua vida, aos 89 anos, Vieira escreveu freneticamente. Além de sermões, deixou cartas e várias obras, nas quais profetizava o futuro brilhante de Portugal: o Quinto Império do Mundo! No item profecias, todavia, o querido padre foi infeliz.

Conselheiro de reis, confessor de rainhas, instrutor de príncipes, embaixador junto às potências européias, a autoridade pessoal do jesuíta Antônio Vieira era tão grande quanto sua autoridade espiritual de defensor de judeus, índios, negros e brancos pobres, grupos que via como sementes do mesmo fruto, filhos do mesmo Deus.

Deus que ele negaceou em invectivar em um de seus sermões mais contundentes:

— Não hei de pedir pedindo, senão protestando e argumentando: pois esta é a licença e a liberdade que tem quem não pede favor senão justiça.

Os sermões de Padre Vieira e os poemas de Gregório de Matos são, indubitavelmente, a verdadeira expressão do Barroco no Brasil. No entanto, tarefa complicada é traçar um paralelo entre eles, contemporâneos e amigos, porque se Gregório escarnecia, Vieira ironizava; Gregório tinha uma visão negativa do mundo, Vieira antevia o paraíso humano; a poesia religiosa de Gregório era contrita e penitente, a prosa de Vieira jamais se curvava. Ambos literatos e libertários em seus limites históricos, mas o primeiro espiava o mundo pela fresta e o segundo encarava o mundo de frente!

Neste 18 de julho, fez 302 anos da morte de Padre Antônio Vieira, a quem o poeta Fernando Pessoa proclamou Imperador da Língua Portuguesa e que, em vida, mereceu ser chamado de apóstolo e a quem, ainda hoje, não poucos consideram um gênio.

A militância incansável de Antônio Vieira era explicada por ele mesmo em palavras singelas:

— *A verdadeira fidalguia é a ação.*
O que fazeis, isso sois, nada mais.

Glícia Marili Azevedo de Medeiros Tinoco, revisitando o texto de Zemaria Pinto, publicado em *O Pão*, de 31/08/1997.

Vieira em uma de suas incansáveis pregações.

AGUDOS DITOS DE VIEIRA

Nenhum pensador soube, melhor do que Vieira, cunhar ditos agudos em palavras simples e triviais, entendidas de toda gente.

Eis alguns, colhidos ao acaso:

"Tão vil é na mentira o sim, como honrado na verdade o não."

"Mais afronta a mesura de um adulador do que a bofetada de um inimigo."

"As quaresmas dos enfermos são as páscoas dos médicos e com as dietas de uns, se fazem os banquetes de outros."

"Os olhos têm dois oficios: ver e chorar; e mais parece que os criou Deus para chorar que para ver, pois, os cegos não vêem e choram."

"Cada homem ordinariamente é tantos homens, quantas são as diferenças da idade, ou as mudanças da fortuna, a que leva o tempo."

"Até à morte ninguém se pode chamar com certeza néscio ou discreto. O último acerto ou o último erro é o que dá o nome ao juizo de toda a vida."

"O vosso diabo sois vós: o vosso apetite, a vossa vaidade, a vossa ambição. Guardai-vos de vós, se vos quereis guardado."

"Tal é o doce veneno da lisonja que entrando pelos ouvidos cega também os olhos."

"Há casos em que por pedir licença se perdem as mais gloriosas ações."

"Não é o mesmo permitir que aprovar, antes o que se permite já se supõe condenado."

"Não há coisa mais dificultosa do que se dar a razão de uma sem razão."

"Ao próprio demônio se há de fazer justiça, quando ele a tiver."

"Quando os prêmios se dão aos que os merecem, os mesmos que os murmuram com a boca os aprovam com o coração."

"O rico que quer mais do que pode, é pobre; e o pobre que quer menos do que pode, é rico."

"O tempo umas coisa melhora e outras corrompe: ouro velho, vinho velho, amigo velho; casa nova, navio novo, vestido novo. A velhice no ouro é preço, no vinho madureza, no amigo constância, no vestido pobreza, no navio e na casa perigo."

"Não há coisa que mais mude os homens que o descer e o subir, e o subir muito mais que o descer."

"Nem todos os anos que se passam, se vivem: uma coisa é contar os anos, outra vivê-los; uma coisa é viver, outra durar."

"Os vivos são pó levantado, os mortos pó caido; os vivos são pó que anda, os mortos são pó que jaz. Os vivos pó com vento, e por isto vãos, os mortos pó sem vento, e por isso sem vaidade."

Texto extraído do livro Aspectos do Padre Antônio Vieira, de Ivan Lins.

TRINTA ANOS DE AMOR PELA FOTOGRAFIA

Fotografar é imobilizar um repente de beleza e tornar eterno um instante solar, com essa definição Lolita Rêgo fala do seu amor pela arte da fotografia, revelando que, etmologicamente, fotografar é gravar a luz e, para ela, *a luz é princípio e fim.*

"Fiat lux" e a luz foi feita. Com a luz a gente faz a claridade e acende a escuridão. A luz, o contra-luz, a penumbra, a silhueta, o relevo, a textura, o contraste, o claro-escuro, a aura, um mundo de imagens e formas, tudo começa com a luz e se eterniza com ela.

Há mais de 30 anos morando em Natal, essa seridoense de Currais Novos adora morar no Alecrim e diz que, quando fotografa, procura mostrar o lado secreto e belo que existe no interior de cada um. *Por mais que a pessoa esconda a beleza e a bondade que carrega consigo, mais eu tento descobri-las e revelá-las para o momento e o tempo. Fotografar, para mim, é essa busca permanente à procura da beleza. Não me preocupo com o exterior que aparece naturalmente, mas com o outro lado, onde vive a pessoa que é, e não a que aparenta ser* - diz.

Casada com um fotógrafo, compartilha essa paixão pela arte também com seus cinco filhos, que fazem incursões pela fotografia, desde a publicitária, documentária, paisagística ou digital. Segundo ela, o mais famoso com certeza é Giovani Sérgio já tendo publicado dois volumes de ensaios fotográficos, mas avisa: *"Não influenciei nenhum deles. Vieram para esse trabalho por alguma inspiração ou vocação.*

Quando fala do início da carreira, Lolita explica que foi difícil, já que naquele tempo *fumar em público era motivo de suspeição, fazer um gesto obsceno de desagravo era falta de classe e proferir um palavrão era coisa de cabaré, a mulher que se atrevesse a exercer uma profissão reservada para homens, era um acinte e um agravo.* Mas avalia que hoje é razoavelmente bom ser fotógrafa em Natal e acha que enfrentou preconceitos no início porque era uma profissão, nos anos 60, quase que exclusiva para homens. *Acho que fui pioneira aqui no Estado como fotógrafa* - afirma.

Começou a carreira em casa, revelando filmes em tanques plásticos no banheiro e usando-o como câmara escura. Diz que foi tudo absolutamente prático, conciliando a experiência adquirida aos poucos com a teoria lida nos livros especializados. A primeira câmera que usou foi uma de fole, tipo AGFA. Depois, construiu um quarto de despejo que serviu de laboratório. Nessa época, entre 1962 e 1968, trabalhou para o jornal "Correio do Povo", mas lembra que foram apenas alguns trabalhos avulsos. Depois disso não trabalhou em nenhum outro veículo de comunicação.

Apesar de ter se arriscado na pintura, afirma que é na fotografia que busca novas formas de expressão e ainda hoje fotografa. *Mais do que profissão ou ofício, realidade e sonho, retrato e composição, imaginação e emoção, é na fotografia que me realizei, muito simples e humildemente* - enfatiza.

Lolita reconhece que seu trabalho tem um lado social, comparecendo a eventos, principalmente casamentos, aniversários, bodas, 15 anos, batizados e eventos em geral, mas desvenda também o seu lado solitário, no laboratório e no ato de retocar, que ninguém faz mais, mas que ela não abre mão, pois acredita que no retoque se corrigem possíveis falhas técnicas e, principalmente, *retira dos esconderijos da alma do modelo, aquela porção de bondade e beleza, que lateja nas profundezas do ego e que compõem a verdadeira imagem e retrato de cada ser humano. É quase uma cirurgia plástica e uma maquiagem.*

Diz que já cometeu algumas gafes, como esquecer de colocar filme na máquina ou fotografar no momento errado, mas revela que sempre continuou como se nada houvesse acontecido.

Nesses 30 anos de profissão, presenciou muitas situações engraçadas: lembra, por exemplo, um noivo que desmaiou em pleno altar, na hora das alianças.

Para ela, a personalidade mais fácil de ser fotografada foi o ex-governador e ex-senador Dinarte Mariz. Ela recorda que *nele a alma aflorava à pele, revelando bondade, solidariedade, lealdade, amor e paixão de ouvir, a mais pura essência da criatura humana.*

A fotógrafa que gosta de morar no Alecrim, *tendo o rio Potengi como fonte de inspiração, as dunas da outra margem como moldura, o farol como mensageiro e Genipabu como refúgio e antevisão da eternidade*, ainda hoje se emociona com a foto do estudante chinês postado à frente de um tanque de guerra avançando em sua direção.

Para ela, o símbolo dos 400 anos de Natal é a estrela de Belém, iluminando o caminho dos Reis Magos até a presença do Cristo menino, levando-lhe ouro, incenso e mirra.

Afirma que não tem uma época vivida profissionalmente que se destaque sobre as demais. Lolita reflete que todas tiveram seus encantos e decepções. Cada coisa bem vivida e a seu tempo, como uma forma de eternidade.

O que mais gosta de fotografar são pessoas, paisagens, animais, nesta ordem. Para ela, fotografar pessoas é um desafio. *Você se domina e vence o modelo rebelde, que sempre procura ocultar a sua verdadeira face. Fotografar é revelar a imagem e a alma.*

Sua dica para os fotógrafos em início de carreira é que eles devem ir em frente, com a câmera a tiracolo, olho no visor e, sobretudo, imaginação e criatividade. *Alguma coisa permanecerá. Pior do que fazer ruim é não fazer, mesmo errando e recomeçando* - aconselha.

Entrevista realizada pela aluna Cida Ramos, do sexto período de Comunicação Social, da UFRN, por ocasião do Dia Mundial da Fotografia, 19 de agosto.

"of the earth", foto de Celeste Brignac

JORGE LUÍS BORGES

VIDA E OBRA

24/08/1899 - Nasce Jorge Luis Borges em Buenos Aires, na Argentina.
1909 - Traduz O Príncipe Feliz, de Oscar Wilde.
1914 - A família de Borges viaja para a Europa e fixa residência em Genebra.
1919 - Mudam-se para Mallorca, Espanha.
1921 - Borges volta para Buenos Aires. Começa a colaborar em publicações literárias.
1923 - Publica seu primeiro livro, Fervor de Buenos Aires, e faz uma segunda viagem à Europa.
1929 - Publica Caderno San Martín.
1930 - Publica Evaristo Carriego.
1935 - Publica História Universal da Infâmia.
1937 - Passa a trabalhar em uma biblioteca municipal.
1938 - Morre seu pai, Jorge Guillermo Borges.
1942 - Publica com o amigo Bioy Casares, sob o pseudônimo de H. Bustos Domecq, Seis Problemas para Dom Isidro Parodi.
1944 - Publica Ficções.
1946 - Perón toma o poder e Borges é demitido da Biblioteca Municipal.
1949 - Publica O Aleph.
1955 - Borges é nomeado diretor da Biblioteca Nacional após a queda de Perón.
1956 - Passa a dar aulas de literatura inglesa na Universidade de Buenos Aires. É proibido de ler ou escrever por seus oftalmologistas.
1960 - Publica O Fazedor.
1961 - Divide com Samuel Beckett o Prêmio Formentor. Conhece os EUA.
1963 - Vai à Europa pela terceira vez. Passa a viajar com freqüência para receber prêmios e dar palestras.
1964 - Em Paris, a revista L'Herne publica uma edição dedicada à sua obra.
1967 - Casa-se com Elsa Astete Millián.
1969 - Publica Elogio da Sombra.
1970 - Publica O Informe de Brodie. Divorcia-se de Elsa.
1972 - Publica O Ouro dos Tigres.
1975 - Publica O Livro de Areia, A Rosa Profunda e Prólogos. Sua mãe morre, aos 99 anos.
1976 - Publica A Moeda de Ferro.
1985 - Publica Os Conjurados.
1986 - Casa-se com Maria Kodama, antiga colaboradora.
14/06/1986 - Borges morre de câncer, em Genebra.

*INSTANTES

Se eu pudesse novamente
viver a minha vida,
na próxima trataria de
cometer mais erros.
Não tentaria ser tão
perfeito,
relaxaria mais, seria mais
tolo do que tenho sido.

Na verdade, bem poucas
coisas levaria a sério.
Seria menos higiênico.
Correria mais riscos,
viajaria mais, contemplaria
mais entardeceres,
subiria mais montanhas,
nadaria mais rios.
Iria a mais lugares onde
nunca fui,
tomaria mais sorvetes e
menos lentilha,
teria mais problemas reais
e menos problemas
imaginários.

Eu fui uma dessas pessoas
que viveu sensata
e prolificamente cada
minuto de sua vida;
claro que tive momentos
de alegria.
Mas se eu pudesse voltar
a viver
trataria somente de ter
bons momentos.

Porque se não sabem,
disso é feita a vida, só de
momentos;
não percam o agora.
Eu era um daqueles que
nunca ia a parte alguma
sem um termômetro,
uma bolsa de água quente,
um guarda-chuva e um
pára-quedas e,
se voltasse a viver, viajaria
mais leve.

Se eu pudesse voltar a
viver, começaria a andar
descalço no começo da
primavera
e continuaria assim até o
fim do outono.
Daria mais voltas na
minha rua,
contemplaria mais
amanheceres e brincaria
com mais crianças,
se tivesse outra vez uma
vida pela frente.
Mas, já viram, tenho 85
anos e estou morrendo."

*O poema INSTANTES é conhecido em toda parte. Já foi tema de peças publicitárias, cartões natalícios e estampas de camisetas, tendo sua autoria creditada a Jorge Luiz Borges. No entanto, estudiosos da obra do escritor argentino afirmaram desde sempre que tal informação era infundada, já que o poema era despojado do rigor literário que caracterizava o estilo de Borges. Muitas correntes tentaram esclarecer a questão e, há algum tempo, descobriram que o poema havia sido originalmente escrito em inglês, por uma das contemporâneas de Borges: a norte-americana Nadine Stair. Seja como for, resta a todos o encanto de um singelo poema, que, se rodou o mundo, alguma razão há de ter, independente do folclore que o cerca ou da glória pessoal de quem o tenha escrito.

JORGE LUÍS BORGES

A felicidade maior, Borges a encontrou nas palavras.

Felicidade Literária

Sempre senti que meu destino era, antes de tudo, um destino literário; isto é, que me aconteceriam muitas coisas más e algumas coisas boas. Mas sempre soube que tudo isso, com o passar do tempo, se converteria em palavras, sobretudo as coisas más, já que a fecidade não precisa ser transmudada: a felicidade é seu próprio fim. (Sete Noites)

Felicidade de Ler

Que outros se jactem das páginas que escreveram;
eu me orgulho das que li. (Un Lector)

Felicidade de Escrever

Converter o ultraje dos anos
Numa música, num rumor e num símbolo,
Ver na morte um sonho, no ocaso
Um triste ouro, tal é a poesia
Que é imortal e pobre.
A poesia
Volta como a aurora e o ocaso.
(Arte Poética)